

# O CORREIO

DIRECTOR

Jorge Santos

SEMANARIO MONARCHICO

EDITOR

José Antonio Fontes, Sobrinho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manoel, 177-1.º - Porto

Proprietario — MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO = N.º 16 = AVULSO 20 REIS

Sabbado, 22 de Março de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colónias: serie de 53 n.ºs, 12000 reis — Serie de 25 n.ºs, 5000 reis — Extrangeiro: (Prensa da União postal) — serie de 52 n.ºs, 15 francos (ou 30000 reis). Serie de 25 n.ºs, 8 francos (ou 16000 reis). Brasil: serie de 25 n.ºs, 60000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accrescem 50 reis para Portugal, Ilhas e Colónias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.

ANUNCIOS — Na secção de annunciões 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto special.

## SUMMARIO

- O Imperador Guilherme nos tribunaes — MARIO PINHEIRO CHAGAS.
- Echos.
- A Republica e os Operarios — HENRIQUE DE PAIVA COELHO.
- A Segunda Incursão Monarchica — JOAQUIM LEITÃO.
- A Opinião Publica em França — AYRES DE ORNELLAS.
- O Caminho de Ferro de Quelimane — EDUARDO LUPI.
- Chronica Militar — SATURIO PIRES.
- Entrevista com Arthur Meyer — JOAQUIM LEITÃO.
- Os bons tempos da tropa — Um «Retaldatario» — SATURIO PIRES.
- Semanas Mundana.
- Folhetim — A Chica — O Lulu — ANSELMO.
- Carta de Lisboa — RAUL.

conquista sua. Existia como uma condição natural da propria vida social...

Quando a revolução franceza de 89 veio *changer tout cela*, não se esqueceu, é claro, do poder judicial. Affirmou-lhe a independencia, como se esta tivesse nascido gêmea da revolução, e... creou o *Tribunal revolucionario*, de sinistra e repugnante memoria.

Depois, a cada saucedilla revolucionaria em França, o poder judicial teve as mesmas oscillações de todo o resto do organismo, porque a *Liberdade*, que em cada revolução dizia que d'aquella vez ella é que era a verdadeira, a autentica, a genuina *Liberdade*, a primeira coisa que fazia era agarrar-se a independencia do poder judicial, sua conquista, sua presa... E, a hereditarios no que nos dizem Emile Faguet no seu livro... *Et l'horreur des responsabilités*, e tantos outros escriptores francezes livres de suspeita, a ultima das *Liberdades* em França, a que nasceu em 1871, continua agarrada á magistratura.

E comtudo a independencia d'este poder está de tal maneira na razão, diremos até na sensibilidade e no instinto de cada um, que os seus proprios violadores a invocam quando a atacam!

Vimos assistindo em Portugal desde 5 de outubro de 1910 ao mais descabelado *can-can* que até hoje se tinha feito dançar á magistratura portugueza. Para julgar os seus adversarios, o Governo Republicano não se limitou a fazer leis de processo adequadas a cada delinquente. Foi mais longe. Creou, inventou tribunaes successivos, e tal réo que, ao praticar o delicto do não ser republicano, pensava ser julgado na Boa-Hora, viu-se um dia passeado até ás Trinas, para finalmente subir a Santa Clara.

Na republica os tribunaes tem passado como os ministerios. Cabem ministerios, cabem tribunaes, e nem os ministerios governam, nem os tribunaes julgam. Os juizes rodopiam. Os processos já não dormem, porque os fazem correr d'um cartorio para outro sem comtudo chegarem nunca ao fim.

E tudo isto sempre em nome da independencia do poder judicial, para assegurar a independencia do poder judicial!

Os grupos revolucionarios enviam gente sua a assistir aos julgamentos dos conspiradores como a Convenção enviava aos exercitos os seus representantes para fiscalisarem os generaes. E, ai dos juizes que não condemnarem sempre, sem provas, contra as provas, porque, por mais carraçacos que antes se tenham mostrado, um momento de fraqueza perde-os e os grupos revolucionarios apapam-nos e insultam-nos!

Mas esses apupos e esses insultos são feitos sempre sob a invocação da independencia do poder judicial, note-se bem. E os insultadores são localmente sinceros, porque, para elles, o juiz que não condemnou um réo politico não foi independente, foi... *thalassa!*

N'esses ultrages da rua, n'essa pressão dos governos devia pois a magistratura portugueza encontrar a propria razão de ser da sua independencia. E o que fez ella? Factuou com os assaltantes!

E' assim que... Mas, perdido, nós não vamos occupar-nos do poder judicial em

Portugal, pelo menos hoje. Talvez o façamos n'um dos proximos numeros. Hoje o que nos captiva o espirito, é o poder judicial no Imperio Allemão.

Diziamos, pois, que os tribunaes allemães tinham julgado contra o Imperador uma acção por este intentada contra um seu rendeiro.

Os jornaes francezes deram a esta noticia a maior, a mais satisfeita publicidade. Figuraram-se certamente o Imperador enfurecido com a perda do seu processo, espumante de raiva e de despeito, o seu prestigio de chefe do Estado em chéque.

Na sentença dos juizes allemães viram talvez os jornalistas francezes um prenuncio de revolta, um assomo de republica...

Nós não temos a mesma phantasia. Vemos n'aquella sentença uma affirmacção do perfeito equilibrio entre os poderes do Estado, uma garantia da existencia da ordem, e pensamos que, se a algem os juizes allemães quizeram servir na sua sentença, esse algem foi o Imperador Guilherme.

Porque, em verdade, se Guilherme perdeu a acção, o Imperador ganhou-a.

Mario Pinheiro Chagas

## ECHOS

### Moral jesuitica

A *Patria*, aquella divertidissima *Patria*, que veio substituir na imprensa o nunca já mais em tempo algum assaz cantado andaz campeão republicano, *Vanguarda*, de hilariante memoria, — declara que João d'Almeida, o heroico soldado dos Dombos, negando que conspirasse, se deixou *preverter pela moral jesuitica dos conspiradores monarchicos*.

Estas palavras da divertidissima *Patria* toam um altissimo valor, porque representam a opinião do que o sr. Alfonso Costa, chefe do governo e chefe do partido a que pertencem os srs. Gostvão e Augusto, ambos de Vasconcelos, estava *prevertido* tambem pela *moral jesuitica* quando, depois de 28 de janeiro, no quartel do Carmo escreveu aquellas *memorias do carcere*, nas quaes declarava não saber porque o tinham prendido, visto que a tal revolta de 28 de janeiro fora uma *passososa* arranjada pelo governo.

Se com essa declaração não negava que tivesse conspirado, e portanto se não estivesse *prevertido pela moral jesuitica*, então fallava verdade e no elevador da Bibliotheca estivera... por conta do governo a coobrer para a pavorosa.

### Reformados

Um jornal evolucionista diz que o artigo da lei dos funcionarios publicos que autorisa o governo a chamar ao serviço os aposentados, é irritante para toda a gente e não traz vantagem para ninguém.

Não é bem assim. Esse artigo da lei tem a vantagem do dar apparencias da legalidade á situação do sr. José Caldas, collaborador do *Mundo*, que, tendo sido aposentado a seu requerimento no tempo da Monarchia, foi nomeado, logo que se proclamou a Republica, para um optimo lugar do Ministerio da Justiça.

### Ninguém diga...

O sr. conselheiro Julio de Vilhena, n'uma carta ao *Dia*, esclarece que seu filho Ernesto, que hoje é republicano e está filiado no

partido democratico, no tempo da monarchia só foi regenerador e rognadoro liberal.

E' exacto. Mas deve-se acrescentar em abono da verdade que a culpa não foi do dr. Ernesto de Vilhena.

A culpa foi da Monarchia que acabou pouco depois d'esse senhor ter entrado na politica e sem lhe dar tempo para tambem ter sido progressista, nacionalista, dissidente e henriqueista.

E' do esperar que a Republica dure o tempo bastante, —ahi mais duzia de mezes, — para que o sr. Ernesto de Vilhena, que é hoje democratico, possa vir a ser evolucionista, unionista e governador geral de Moçambique. Depois do que se tornará então independente.

A não ser que seja chamado a formar gabinete o sr. Pedro Muralha, porque n'esse caso o sr. Ernesto de Vilhena experimentar o socialismo, passando a navegar nas aguas syndicalistas se o sr. Figueiredo for para cima, e mergulhando de cabeça para baixo no anarchismo se alguma aragem bafejar o sr. Mario Monteiro.

Nenhum partido politico diga pois d'este *Ernesto de Vilhena não beberis...* porque pódo muito bem succeder que mais tarde ou mais cedo Sua Senhoria lhe vá lá parar.

Mettou-se-lhe na cabeça que todos os caminhos vão dar... ao governo geral de Moçambique, mas como tem muita pressa, em chegando a certa altura, muda para outro por lhe parecer que aquelle que está seguindo leva mais tempo.

Simplemente não repára que d'essa maneira nunca chega ao fim.

Que diacho!... *Acorda* se de vez por tim dos caminhos, e siga sempre a direito que lá ha-de chegar, homem de Deus!

Tem meritos para isso, escusa de andar fazendo tristes figuras.

### Detricetos

O sr. Antonio José d'Almeida entende que para *consolidar esta joven Republica*, a primeira coisa que ha a fazer é *cancelar, renheendo os detricetos que já se accumulam nas dobras falsas dos seus vestidos*.

Pois remove-se n'esse caso a si proprio o sr. Antonio José d'Almeida que, na dobra falsa do evolucionismo em que se acocita, a todos os detricetos que empastam o ar, junta uma absoluta falta de coragem e uma completa falta de intelligencia.

### Junta do Credito Publico

Segundo vemos nos jornaes, a Junta de Credito Publico resolveu fazer com que o seu director pedisse uma syndicancia.

Teria sido melhor para o prestigio que essa instituição precisa manter, que o tivesse já feito ha mais tempo.

Haveria pouquado muita coisa desagradavel para elles e teria tornado desnecessarios o nosso *echo* do ultimo numero e a carta anonyma que um pateta qualquer nos escreveu.

### Perguntas

O *Dia* pergunta porque se não faz a secularização dos cemiterios em todo o paiz, em vez de ser feita apenas a dos cemiterios de Lisboa?

Por uma razão muito simples... Porque... E d'ahi talvez não... Ah! por essas provincias tem-se já aguentado tanta coisa, que provavelmente tambem se aguentava mais essa.

### Registro

O nosso illustre collega *Revista Catholica*, de Vizeu, declara que não é *contra a Republica*, mas sim *contra as leis que nos ceçam, nos opprimem, e que fírem profundamente os nossos corações de catholicos e de patriotas*. Pedimos licença para archivar esta declaração, e não precisa o nosso illustre collega



podir-nos licença para, se assim o entender, archivar a que em seguida fizemos e que é *que mesmo com leis que nos não fazem, que não nos aprimitam e que não firmam profundamente os nossos caracteres de católicos e de patriotas nós somos contra a Republica, porque, honesta ou deshonesta, liberal ou reaccionaria, conservadora ou demagoga, a Republica é, no nosso paiz, anti-nacional e implica sempre o perigo da perda da nossa independencia e um pretexto para a perda das nossas colonias.*

Julgamos conveniente accentuar isto para que, pela nossa parte, fique accentuado o mesmo sem o desaparecimento da Lei de Separação, — suppondo que elle se desse, — não desapareceria as causas da necessidade do derrubamento da Republica.

Grandes e pequenos

O sr. Ladislau Parreira, heroe do mar, nobre povo, que foi nomeado ha pouco, e nas condições já sabidas, commandante do Vapor *de Camo*, botou á disposição as camaradas e ás praças, quando tomou posse do commando do navio.

Sua Senhoria não fez, é certo, um discurso brilhante na forma, mas foi profundo nos conceitos.

Assim elle disse que não julgava facil a missão que era chamado a desempennar, mas que em todo o caso o não affrontava o tamanho do navio, porque de ha muito elle tem a opinião, —ella Ladislau Parreira, é não elle, navio, embora a opinião possede muito bom ser tambem a de um navio que é couraçado, —tem a opinião, diziamos, de que quem commanda um pequeno, commanda um grande.

Está claro...

Afinal de contas que differença ha entre commandar uma canhoneira e commandar um *desolinhogit?*

Nenhuma...

Se quando vai ao fundo, a canhoneira fosse para baixo, e o *desolinhogit* fosse para cima... ainda a coisa podia ter certas differenças.

Mas como vós ambos para baixo... vem tudo a dar na mesma.

Investigação

O sr. ministro das colonias escolheu o vai escolher, um funcionario do seu ministerio para proceder a uma investigação na Direcção Geral das Colonias acerca das faltas referidas pelo sr. Dr. Alfredo de Magalhães, na sua conferencia de ha dias.

Ora foi pena que tivessem demittido o sr. Magalhães do governador geral do Moçambique.

Se o não tem feito, ella proprio é que era um bom funcionario do ministerio das colonias para proceder a essa investigação.

Assim vão vêr que a investigação não dá nada, quando, se d'ella encarregassem o sr. Magalhães, daria tudo.

Desmentido

O *Mundo*, porque um jornal socialista disse que o sr. Alfonso Costa tem collocado as suas economias em bancos estrangeiros, declarou muito indignado que isso é uma *revelação* católica.

Pois já ficamos sabendo que é verdade o que o jornal socialista disse.

O desmentido do *Mundo* não faz mais que confirmar a noticia... que desmente.

E' o costume.

Não é verdade

O sr. João de Menezes, n'um artigo da *Lucia*, no qual repete affirmações que já foi convellido a provar e que não prova, — como aquella de que El-Rei podia a intercepção estrangeira, — diz, em italiano, para accentuar o caso, que o ultimo Nuncio que estava em Lisboa angariou na *Italia* recursos para auxiliar os trabalhos da conspiração monarchica e, sobretudo, da insurreição realizada em outubro de 1911.

É absolutamente falso.

As despesas com os trabalhos de conspiração e com a insurreição de outubro de 1911 foram pagas em dinheiro de portuguezas e por portuguezas angariadas, e em nada interveio, nem esse Nuncio, nem qualquer outro padre estrangeiro.

Claro está que já sabemos que o desmentido não impedirá o sr. João de Menezes de continuar fazendo a affirmação que sabe perfeitamente não ser verdadeira.

Tambem elle sabia muito bem que nem o sr. Padre Brazaga Cabral nem os Jesuitas tinham qualquer influencia nem tinham prestado qualquer auxilio á conspiração que precedeu a insurreição de outubro de 1911, e contudo quasi diariamente affirmava, que eram os Jesuitas que mandavam e dispunham das realidades que estavam na Galliza.

A pertença com que o sr. João de Menezes faz estas affirmações é tanto mais interessante, quanto esse senhor ainda que lhe

tivessem feito aquella affirmação, e se não tratasse apenas de uma informação sua, era muito capaz de, n'um momento de sincoridade, apertar a cabeça em como os Jesuitas nenhuma influencia tinham tido na insurreição de outubro de 1911.

Mas o sr. João de Menezes do n'aquillo: Aparte um pouco mais de grammatica... é o sr. França Borges por uma pena.

Luz viva

O sr. Luz Almeida, o revolucionario Americo dissera nas *Novidades* ser uma luz bastante vacillante nos momentos difficeis, desouta a publicar no mesmo jornal uma série de cartas em que, desde o revolucionista Antonio José até ao *reporter* Vinagre, toda a gente assegura que elle é tóssimo.

Se assim é, já a carbonaria não precisa, como aconselhámos no nosso ultimo numero, de fazer uma instalação electrica no chefe.

Desta vez o que recomendamos é que lhe ponham um *abat-jour*.

Um Luz tão teso deve forçosamente dar uma luz muito viva.

O Duende

Os jornaes republicanos estão agora á bordada de um jornalista hespanhol que no *Heraldo*, de Madrid, escreveu uma secção que assignou com o pseudonimo de *El Duende de la Collegiata*.

Segundo parece, o homem esteve em Lisboa, não gostou do que viu, e foi para a gazeta dizer coisas feias a respeito da capital do paiz onde está a melhor republica do mundo.

Por isso a *Capital*, o *Paiz*, a *Republica* e o *Mundo* dão no homem bordada bravia.

Cessem com isso, Saraivas d'uma figura!... Olhem que esse jornalista em quem estão dando bordada é o mesmo a quem fizeram os mais ragados e enternecidos elogios, quando elle escreveu uns artigos contra os conspiradores da Galliza!

Onde lhes doe

A *Patria*, — como um proprietario dissesse que se não deviam publicar os nomes das pessoas a quem a nova lei de contribuição vai agravar, porque assim se ficaria sabendo quanto cada um tem, — observa que *ahi é que lhes doe, porque se vê que pagam menos do que deviam pagar*.

Ora é pouco mais ou menos essa a razão porque não ha meio de conseguir que os jornaes republicanos digam quanto ganham os homens do recibo civil.

E porque se veria que recebem mais do que devem receber.

E a mesma coisa, com a unica differença de ser o contrario.

Rectificação

Do sr. padre Casimiro Rodrigues de Sá, deputado pertencente ao partido evolucionista, recebemos a seguinte carta:

Ex.º Sr.

Desejo fazer a declaração publica, no mesmo lugar em que a gratuita arguição me foi feita, do que não podem de forma alguma serem-me attribuidas as seguintes palavras, que leio em n.º do *Correio* correspondente ao dia 9 d'oste mês:

«Mas nessa sessão o que houve de mais interessante ainda foi o facto de o sr. padre Sá dizer que na monarchia os governos rotacionam.»

Garanto que em nenhuma das sessões em que foi tratado o caso Escobar da Fonseca, as quaes se realisaram nos dias 21 e 24 de fevereiro ultimo, eu fiz tal affirmação.

Equamente posso garantir que em discussões alguma usei jámas d'uma tal linguagem.

Repugnem-me soberanamente certos processos de ataque, assim como por systema evito accusar os homens do passado regimen e os seus actos.

Não vejo nisso proveito nem conveniência; como entendo que não é com lançar, a proposito o a disposição, accusações aos demastados do regimen deposedo que se governa bem na vigencia das actuaes instituições.

Pedindo e agradecendo a publicação d'estas linhas, sou

De V. Ex.º

Dr.º m.º att.º

P.º Casimiro Rodrigues de Sá.

Lisboa, 11-3-13.

Avenida da Liberdade, n.º 8—3.º E.

Se a memoria nos não falha, foi na propria *Republica*, isto é, no orgão do partido a que pertence o sr. Casimiro de Sá, que vimos attribuidas a Sua Senhoria as palavras que transcrevemos no nosso echo.

É possível porém que estejamos em erro

e, de resto, o sr. Sá melhor do que ninguém deve saber o que disse.

A rectificação ahi fica pois, e com ella, pela propria carta do deputado evolucionista, a consura a todos aquelles que temo passado o seu tempo a injuriar os monarchicos e a classificar de *ladroeira* a administração da Monarchia.

N'ossa censura do sr. Rodrigues de Sá ficam envolvidos todos os seus correccionarios, a começar pelo sr. conselheiro Antonio José d'Almeida, seu chefe, que, antes da iniciada esta sua nova phasa da Senhora da Paz... padre, desenvolveu intensa energia nas injurias aos monarchicos.

Devemos dizer com toda a sinceridade que nos era absolutamente indifferente que os evolucionistas voltassem á primeira phase e desatasssem de novo a chamar ladroes aos monarchicos.

E isto pela simples razão de que nós é completamente indifferente o que dizem republicanos, evolucionistas ou democraticos, monarchicos ou independentes, contra os monarchicos.

O que nós não queremos é que elles os elogiem.

Isso não, porque se poderia ficar suppondo que todos os monarchicos eram como o sr. Teixeira de Sousa, o sr. Raposo Botelho ou o sr. Ferreira do Amaral.

Responsabilidades

A *Capital* aprou que em Barcellos, dos 18:000 contribuintes que ha no concelho, ficam isentos de contribuição 10:500; são beneficiados com a redução de tres setimos do que pagavam, 3:400; com um setimo, 4:900; mantendo as mesmas collectas 930, sendo apenas 170 os que são agravados com a nova lei de contribuição predial.

A Republica e os Operarios

Tinham as Classes Operarias, ao que parece, depositado alguma esperanza na Republica.

Questão de variedade, — é de suppór, — o muito bom desejo d'illudir-se, visto que, na ordem natural das cousas, o novo regimen não podia trazer-lhes, senão precisamente o que lhes trouxe, — quer dizer agravamento de situação.

E' certo, todavia, que o Trabalho e os Trabalhadores, nervo essencial das prosperidades publicas, tem direito a contar-se como uma das mais importantes preocupações de qualquer Estado consciente do seu papel.

Mas tambem é certo, por outro lado, que uma republica parlamentar funcioando, d'alto a baixo, sobre o voto, representa necessariamente o melhor dos cuidados para o cultivo, e reprodução, do microbio do politiquismo, com todas as suas explorações do homem pelo homem, luctas de facção, predominio d'incompetencias, e postergação d'interesses geraes.

Nem é republica parlamentar o actual regimen portuguez, senão de leitreiro, nem as votações entram no seu funcionamento para cousa alguma.

No entretanto, apesar das cousas serem parcialmente diversas, os effectos são analogos.

Já a demolição dos agrupamentos sociais entrou no programma da primeira republica franceza, e a Assembleia Constituinte approvou em 1791 uma moção prohibindo aos trabalhadores as suas reuniões sob pretexto d'interesses communs. A republica assumia assim o cargo de Patria maximo, perante os Operarios isolados, e enfraquecidos, pela supressão das suas associações de classe.

Desagregar, e dividir, para se impór e imperar, — centralizando o mando, — tal é a philosophia historica da revolução republicana.

Quasi com annos depois, a terceira republica franceza regularizou, na verdade, por lei (de 21 de Março de 1884), a existencia dos syndicatos profissionais. Mas a cordialidade não é a caracteristica mais proeminente das relações, entre o parlamentarismo republicano, e a familia operaria. Esta já tem a sua ideia formada a respeito dos politicos

A *Patria*, delirante, transcreve o apuramento o conclui: *que se houver escorção, a esses 170 se deverá pedir a responsabilidade.*

Não sabemos porque... Até póda muito bem succeder que sejam os 10:500 que ficam livres da contribuição os que venham a levantar-se a protestar.

E pela muito simples razão de que, aggravados por novos impostos, os taes 170 tem que arranjar compensação a esse agravamento, o para a arranjarem augmentam as rendas... e os taes 10:500 é que são os rendeiros; diminuem a jorna de trabalho nos campos... e os taes 10:500 é que são os trabalhadores; amparam cultivos de terras que não podem dar já para as despesas, em vista de tantos impostos, ... nos taes 10:500 é que estão os que ficam sem trabalho.

Não vamos portanto como se possa tomar aos 170 a responsabilidade do facto de se revoltarem por pagarem mais renda, recebendo menos jorna e muitos ficaram sem trabalho.

Essa responsabilidade deve pedir-se ao governo causador da todo esse desequilibrio, e que é presidido por quem dizendo ganhar 30 contos por anno como advogado, protestou contra o facto de lhe terem lançado uma contribuição de 300 mil reis.

Ideias Monarchicas

Podem-nos a publicação da seguinte noticia:

Esta revista que foi annunciada para sahir na quinta-feira passada, só póda apparecer na proxima segunda-feira, começando a sahir regularmente ás quintas-feiras do dia 27 em diante.

que, começando por excitar paixões vermelhas como degra para fazer carrelas, acabam por manejar as repressões sanguinolentas para se manterem no Poder.

Até mesmo a Confederação Geral do Trabalho esteve, aqui ha annos, para ser dissolvida sob a accusação de «complexidades com os realistas», tal e qual como, aqui ha mezes, os operarios da Casa Syndical portugeza baixaram ás casamatas das fortalezas de Lisboa por supeitos de connivencias com talassas.

Mas tambem em Portugal já os operarios malizem da sua sorte, reclinam o regimen, e ameaçam com a «Revolução Social».

Conforme o costume, lançou-se a «Grande Palavra». A humanidade move-se com «Grandes Palavras». Infelizmente esquece-se muitas vezes de ver bem o que está no fundo d'essas sonoridades oratorias, e prejudica-se com o descendo.

«Revolução Social». Solução extrema. Objectivo incompativel com o espirito, e a educação, dos portuguezes que temos, e da gente contemporanea, e irrealizaveis dentro das condições actuaes da politica do mundo.

«Revolução Social». Pessimismo caminho. Pois quando a concorrência economica entre os grandes Estados mais fortemente se accentua, quando a superficie da Terra, com maior clareza se demonstra uma arena de Campionatos adversos, Imperialismos: cultores da Força que se preparam, que se medem, que rivalizam, — pois n'esta hora de luctas vebementes pela existencia, será por ventura o ensaio azado para armar esse pobre recanto portuguez, misero e impotente, em campo d'experiencias avançadas?

A Republica foi uma desilusão. Está na logica, e responde perfeitamente ás previsões.

Já Bebel, o austero chefe do Socialismo allemão, fazia n'um Congresso (o de Amsterdam de 1904, se não m'engano, a seguinte pergunta significativa: «Acredita alguém que a conquista das instituições republicanas póda traduzir-se em quaesquer melhorias para o proletariado?»

Não o acreditava elle, nem o acredita pessoa alguma que demore sobre o caso uns minutos do pensamento.



## A segunda Incursão Monarchica

### OITO MEZES NA GALLIZA

As alianças, pelo contrario, tem-se dado sempre, entre o Povo, e as instituições monarchicas. Succumbin o Feudalismo perante a liga da Monarchia com as Corporações Municipaes. E são tambem as Monarchias quem, nas éras modernas, mais affirmam, por actos effectivos, a sua solicitude para com os nobres soldados do exercito do Trabalho.

Em 1906 celebrou a Alemanha, por exemplo, as bodas de prata da sua legislação social. Data, com effecto, de 1881 a mensagem de Guilherme 1.º, lida por Bismarck ao Reichstag, na qual se recommendavam a esta Camara os projectos de lei sobre seguro operario contra accidentes, e organização uniforme das caixas de socorro em caso de doença, e se chamava a attenção sobre providencias para proteger a invalidez e a velhice.

E durante a vida de Guilherme 1.º, e, depois, durante a do actual Imperador, as leis e as medidas succederam-se com tanta persistencia e boa vontade, que as estatísticas de 1904 já davam, em face de uma totalidade de 15 milhões de salarizados, cerca de 12 milhões de seguros contra doença, e de 14 milhões de seguros contra invalidez e velhice. Fóra os seguros contra accidentes, e os fundos applicados em alojamentos, hospitaes, sanatorios, e mais qualidades d'assistencia.

Para não nos alongarmos em citações d'este genero, deixaremos em paz, por hoje, a Belgica, a Italia, a Inglaterra, etc., tudo Monarchias cuja vasta documentação social nos facilita fundamento exuberante em prova da nossa thesa.

O suffragio universal e o systema representativo deram nasencia a uma especie de novo feudalismo, onde pde e dispõe a casta dos politicos. Quando essa casta, absorvente e ambiciosa, se apodera completamente de todos os sellos do Estado, — temos uma republica.

Se não, reparem as Classes operarias no que se passa. Deixem de dar ouvidos ás «Grandes Palavras», e fixem-se nos factos. Procurem entre esses pastores que sobrenadam, e verifiquem bem quantas isenções d'interesses proprios encontram, a beneficio dos desherdados da fortuna, — quantos signaes palpaveis lhes apparecem, de verdadeira solicitude a favor d'aquelles, que valentemente, que ponosamente, arrancam, ás fadigas de cada dia, o duro pão que comem e que, a seus filhos, dão de comer.

Não prestem attenção a serעים. Sirvam-se só dos seus olhos, e das suas cabeças. Vão constando o valor, em metal sonante, das arias democraticas, com que elles, — os pastores, — se bem hypnotizaram antes do 5 d'Outubro, melhor expremem, agora, nos lugares da extorsão.

E vejam bem se, — sendo o parlamento uma engrenagem necessaria da machina governativa, mas uma engrenagem que envolve os males do politiquismo, — não estará racionalmente indicada a existencia constitucional de um poder superior ás pequenas dependencias da politica, — susceptivel, portanto, de servir de fiel da balança, corrector de desmandos partidarios, e fiscal dos Interesses Geraes, em collaboração com a vigilancia que, no polo opposto, exerce a massa da opinião publica.

E vejam bem se, conseguida por esta fórma, a Paz e a Ordem, a través de um governo com auctoridade, não ficará, desde logo, e «ipso facto», conseguida, tambem, a primeira das proteções ao Trabalho. E se não ficará conseguida, ainda, a possibilidade de, por meio de um consciante «Reformismo Socialista», obter, na Monarchia Portuguesa, o mesmo, successivamente, que outras Classes Operarias tem obtido nas monarchias, a que fizemos referencia. Por aqui, sim. O exemplo externo mostra que algo de beneficios póde colher. Republica. Revolução Social. Chaos d'Anarchia. Escumbros de Combate. Colher o quê? se nem semear se póde.

Henrique de Paiva Couceiro.

Com o maior respeito pelos caracteres que, sem espectaculos gestos, sobearam sacrificarse nas inhospitas aldeias da Galliza, durante longos oito mezes de provações e d'incertezas, começamos hoje a descrever a segunda jornada monarchica. Como se verá, essa jornada não foi feita em *sleepings-car*, nem sequer em primeiras classes; não dourou um dia nem dois; não se restringiu ao obscuro campones que preferiu os sacrificios da emigracão ao gozo tranquillo das casernas da republica. Chegou para todos o soffimento e a abnegação. Pelos humildes como pelos illustres foi partilhado o tormento com a mesma rijeza d'alma, sem distincções de linhagem nem de coragem moral.

Se as heroicidades n'uma linha de fogo são admiraveis, ellas escavam, talvez menos resistencia moral, menos elevação do que a vida de trahalhada, de magros-prisioneiros, meio-degradados — mas de todo sublimo — que aquellas centenas de portuguezes levarão nos oito mezes de Galliza, que medaram entre a dispersão da columna da primeira incursão monarchica e a mobilização da segunda. A valentia é, como o valente, tão natural como a córd dos cabellos ou dos olhos, ao passo que soffrer obscuramente, ingloriamente, mezes e mezes, sem o mais rudimentar conforto nem a menor sombra de interesse, não é um dom natural; é um merito pessoal, uma obra bella que só raras realizam. Essa obra, sempre grande, sempre excepcional, foi na Galliza levada a cabo por centenas de portuguezes que, mercê do pro-a-anor por uma Causa, chegaram ao ultimo dia d'esses oito mezes tão aptos para o soffimento como estavam ao encostal-o, sem uma revolta, sem um protesto, sem uma palavra repéza, sem mais impaciencia que a de expor-se a morte — que alguns encontraram nas veigas de Chaves —, a emigracão e a vida de trahalhada, e os sentimentos da galliza não conseguiram arrancar-lhes.

Por agora, os emigrados da Galliza vão ter o respeito dos que o sectarismo não coga ou não amordaça.

Mas deixem passar tempo, e elles terão o respeito unanime que não póde negar-se a esses homens que resumem todas as másculas bellezas d'uma raça.

Por muito impertinentemente que saggiarmos o que foram esses oito mezes nas orlas do Lúria, o respeito, que por elles se nós demora, é impossível que não transpasse para o coração e para a consciencia de quantos, de boa fé, nos lêrem.

#### O Fraccionamento da columna

É outubro de 1911, a vinte. A manhã, que encontra a columna ainda alojada em S. Martin, ultimo estúdio d'essa primeira incursão, já não dá com aquella tristeza que, sobre o echo do conselho d'officias, antecedeu a véspera. No coração de todos antecedeu nova esperanza de que o movimento não morreria alli, de que a dispersão provisória da columna duraria poucos dias, e tempo para receber mais armas e munição, e que a incursão recommearia mais forte e mais apoiada.

O capitão Jorge Camacho, chefe de estadiação, dicta a «Ordem» á columna, fraccionando as companhias em nove grupos, escalonados pelas povoações curvivas de Orense. Os commandantes dos varios grupos recebem o dinheiro bastante para a sua gente, até ao fim do mez; mais uma prova de que o armistício, imposto pela falta de munições e d'armas, approbadas pelos carabinheiros, não iria além do dez dias. O fraccionamento representava apenas uma finta para evitar a persecução da guarda civil, e se receber mais armamento. Dez dias de repouso, bem ganho, — com dezesseis dias de marchas invisíveis, — o tempo para enxugar as roupas e os ossos, e depois a renovação do movimento, sempre anoesadamente marcado, sempre desoladamente adiado.

Na casa, arvorada em quartel-general da columna, via uma azafama de partido: O pagamento das contas dos alojamentos, as instruções para o cumprimento d'actos, e a ida e vinda de officiaes, de ajudantes, transmitindo, communicando, despedindo-se com as breves, indispensaveis palavras.

Paiva Couceiro partindo de S. Martin.

N'isto ouve-se a voz de Paiva Couceiro dizer para o capitão Camacho:

— «Bom. Já não estou aqui a fazer nada, retiro-me primeiro».

E, acompanhado da escolta, guardado pelo Faustino, a sua sombra fiel, Couceiro desce a escada muito pallido, a pallidez dos dezesseis dias de marchas, com a mesma roupa enxarçada e seccada no corpo, a barba crescida, vestido como andara na incursão: o seu dolman cinzento, sobre o qual deitara um jaqueto de civil, calção de malha, cinzento tambem, as botas de montar com que palmi-

lhara a Africa — e que as serras haviam agora reduzido aos canos —, o chapéu d'aba larga preso por um elastico, e um pedaço de pau da bandeira, que fóra o seu bastão e o seu cajado.

Os officiaes ficaram atarefados com os destacamentos dos «serviços de quartéis»; mas o chefe o sub-chefe d'estado maior, capitão Camacho e tenente Sobral Figueira, os ajudantes Thomaz Saavedra, José Eça de Aquino, Pedro Fofax, André Supardo, Manuel Coutinho, todo o quartel-general o seguiu até á porta.

— «Adens, meu commandante!» — exclamou o capitão Jorge Camacho.

— «Adens, meu commandante!» — todos repetem.

Conceiro volta-se para traz, e sem fixar ninguém, diz:

— «Não quero despedir-me de ninguém. Espero em Deus que isto seja apenas uma separação de poucos dias!»

E, sem apertar a mão a ninguém, affastase a pé, n'aquelle passo certo, tenaz, incansavel, capaz de devorar o proprio infinito.

O capitão Jorge Camacho é o primeiro a retomar a sua energia, apparecendo á columna, com a mesma viveza que tivera no campo, o seu comprido casaco abotoado, a bufanda enrolada no pescoço até ao bigode, o bonnet da pala carregado até aos olhos, o stock d'uma bengala na mão, crescendo com o movimento, encontrando voz no commando, recordando na linha de fogo uma silhuetta d'official prussiano. E como se se fosse formar para as inquietas alegrias d'uma marcha, o capitão Camacho movimentou os alojamentos, dando ordens, fazendo mexer a sua gente, sacudindo a tristeza que queria paiz.

O tenente Sobral Figueira e André Supardo partem para Ginto de Lúria, sem serviço de communicacões, ás ordens do commandante, levando com elles o medico Villas Boas e quatro homens de escolta.

A pouco e pouco os officiaes, commandantes dos pelotões, vão seguindo para os logares designados pela «Ordem», e, á tarde, S. Martin reacchia no bissono silencio de pequena povoação ruiuca, não guardando do rumor d'esses dois dias senão as boas centenas de posses dos alojamentos e a honraria de ter brizado nas suas tardas laijas uma hoste historica.

A columna espalhou-se pelos contra-fortes da serra do Gerez, caminhando pesadamente com o carrear de sanidade d'aquelle apartamento de camaradas que, durante duas semanas, dormiram sobre as mesmas pedras, enxugaram no corpo as mesmas chivas, tritaram as mesmas neves, tragem os mesmos montes e as mesmas inquietações. Após aquelles vinte dias de marchas, cortadas pelos combates de Vinhais e de Cazares, os pés inchados de trilhar a pedreira e a urze das serras, quando não se tinham a baixa alagadiza, aquellas centenas de portuguezes nada os consolava da breve tregua dos seus trabalhos.

Vinte dias de provações e privações, com dias de quinze horas de marcha, e uma cadeia do pão, — o que elles pediam não era a enxerga enxuta ou o calor d'um caldo. Á sua tristeza era aquelle «alto» da dias, era parar, era estacar, era a columna fraccionar-se, era recuar, quando tudo, a familiaridade com os sacrificios e a impoziencia da lucta, o que lhes podia era avançar, avançar, avançar.

— «No entanto a esperanza ia com elles a dizer-lhes: «D'aquí a dias, tornaes a entrar em Portugal!»

Joaquim Leitão.

### A opinião publica em França

Um d'estes dias n'um dos orgãos do partido radical lia-se a seguinte curiosa phrase:

«Estamos assistindo no paiz a um movimento de mau sentido, um movimento nacional».

Quasi na mesma data o *Times* dizia que nunca um paiz livre dera mais esplendido exemplo do que o movimento admiravel da opinião que em França se vem pronunciando ha umas semanas para cá.

O que o determinou?

Já por mais d'uma vez aqui n'este mesmo logar lhe fizemos notar os pronunciamentos e claramente indiciamos a lucta travada entre o parlamentarismo representando o sectarismo radical e a nação. O sobre-armamento allemão produ-

ziu a crise. Tanger fóra a humilhação, Agadir o despertar, agora o scandir do regimen que taes ameaças tornou não só possiveis mas irrespondiveis. A França não quer mais e em frente á nova lei militar que dá ao Imperio um effectivo permanente de 800.000 homens tambem quasi permanentemente mobilizados, do lado de cá dos Vosges, n'um admiravel resurgimento do velho espirito militar da raça, todos á uma, do mais elevado representante da intellectualidade franceza ao ultimo dos *pay-sans*, pronunciam a phrase que define agora a situação: «Il faut en finir!»

Um resurgimento! Tal é o espectáculo que aos nossos olhos curiosos e interessados diariamente se offerece na grande capital onde tão fremente palpita o coração latino. Com que intimo jubilo vemos succederem-se os signaes de saude n'um organismo que parecia ha bem pouco ainda cahido n'uma lethargia d'onde não havia despertado; como saudamos o caminho da França para a gloriosa estrada da sua tradição historica! E tão forte é o movimento, tão poderosa a corrente, que acabará, crêmos bem, por arrastar a propria maioria, apesar da lucta tenaz e desesperada travada no commissão de guerra da Camara dos Deputados contra a lei dos tres annos, ou na batalha do Senado contra a representação proporcional.

A lei dos tres annos, isto é, o serviço militar na fleireira do exercito activo durante tres annos em vez de dois da lei actual, é a fórma unica, na opinião unanime do Conselho Superior de Guerra, de responder á lei militar allemã.

Conforme com esse voto, o governo apresentou ás Camaras um projecto de lei, já accete de facto pelo paiz que amanhã o vai impôr, mau grado a opposição de Mr. Jaurès, de Augagneur e do general (?) Pédoya; o primeiro d'estes opposicionistas é por demais conhecido; basta saber uma opinião d'elle para se ficar certo que o interesse nacional está no contrario; o segundo foi mandado pelo Comissão para Madagascar, destruir a obra de Gallieni; o terceiro mais conhecido por presidir reuniões maçonicas do que pelas suas campanhas, e tem uma mentalidade *scientifica* que corre parelhas com a do senador Nunes da Matta. Pois tendo a commissão de guerra quarenta e tantos membros, ainda não se resolveu a dar parecer favoravel, tendo perdido o seu tempo a ouvir estes tres opposicionistas dizem toda a casta de dislates militares ou apresentarem ao Ministro da Guerra questionarios a que elle não póde por fórma alguma responder, sob pena de revelar segredos que interessam a mobilização. Nem se argumenta com o *segredo* da commissão, porque Jaurès teve o cuidado de annunciar na *Humanité* que discutiria alli todas as informações que o ministro fornecesse.

Não esqueça que o apresentar do projecto de lei no Palacio Bourbon foi recebido pelos socialistas e unificados com clamores de furor e exclamações de «Abaixo a Reacção! Abaixo o Imperio.» A Reacção sabemos nós que é em geral o nome dado a tudo quanto representa o interesse da Nação em opposição ao da seita. O Imperio tambem sabemos que cahiu, arrastando na queda o desmembramento da França, precisamente porque a opposição do Corpo Legislativo recusou em 1867 os meios para tornar viavel a lei do Marechal Niel. As exclamações da opposição actual são portanto dignas de registro e tem um importante significado historico.

Mas a lição do tempo que não aproveita ao Sectario, calou no Paiz. E este não quer correr n'uma guerra com a Alemanha a aventura a que o Imperio foi forçado.

Enquanto na Camara dos Deputados se manifesta por esta fórma a hostilidade a um projecto de lei de verdadeira salvaguarda publica, no Senado fere-se propria batalha contra a Representação Proporcional. E percebe-se que o Sectarismo



jacobino ahi trave uma lucta a fundo. Nunca essa Alta Assembleia teve no seu voto tamanha importancia. Até agora, em regra, o Senado limitava-se a aprovar o que vem da Camara dos Deputados com mais ou menos formalidades. Mas o Combismo fez da lei o seu reducto, transformando o Palacio do Luxemburgo n'uma especie de asilo dos Deputados Reformados. E o Senado tem hoje na sua mão a sorte da lei eleitoral. Mas não é só isto; abrindo a crise ministerial, compromette o voto da lei dos tres annos, especialmente odiosa ao Combismo auctor e pae da lei actual que democraticamente aproximou o Exercito francez das milicias suizas quando era ministro da guerra um corretor da Bolsa! E estabelece entre as duas Camaras um conflicto sem precedentes porque a grande maioria da Camara dos Deputados votou a Representação Proporcional.

Como se este imbroglio não delicias-se já por si só bastantes homens d'Estado e parlamentares do estofe de Mr. Combes ou Mr. Pelletan, tem ainda a satisfação e o jubilo de collocar o Presidente da Republica directamente em cheque, por isso que foi Mr. Raymond Poincaré, Presidente do Conselho, que conseguiu da Camara dos Deputados o voto da lei eleitoral, e que é Mr. Poincaré que a França levou á Presidencia da Republica, *contra o voto d'elles*, para executar uma obra de restringimento nacional, cuja base é agora exactamente a lei dos tres annos. Está ou não está cada vez mais aguda a lucta entre o Parlamentarismo e a Nação?

A Imprensa Republicana independente, com o *Temps* á frente, é unanime, apesar da diversidade dos seus matizes, em aconsellar o governo que anda para diante. A forma que tanto preoccupa os Bidoison parlamentares, poderá soffrer com isso, mas o Paiz quer viver e quer que o defendam. E tambem quer ter a liberdade das suas crencas.

Ainda ha talvez dois mezes aqui notavamos o voto da ordem do dia para exemplos sobre uma moção de Maurice Barré a respeito da Conservação das Igrejas; pois agora acaba de ser votada uma emenda ao organismo dos meios necessarios para esse fim. E a *defeza laica* com qua tanto se contou para distrahir o Parlamento dos interesses nacionaes, só vém mostrar que nunca os seus defensores tinham estado mais longe do pensamento e do sentir do Paiz. Não é já o futuro da sua escola, em defeza da qual se sacrificaram desde 1901, dez mil escolas livres; e quem assim consegue progredir; é o presente, o estado actual do partido e da seita que os allucina. Percosbem e sentem-n'o minado por toda a parte, esmagado sobre o peso dos seus erros, vergando sob o desprezo publico, dividido entre si, vazio e deo de ideias de governo, cheio de parvoçadões maçonicas sob as quaes se estiolam todas as virtudes d'um povo, todas as energias d'uma raça.

Mas a raça despertou. E o despertar resente-se por toda a parte. Desde o *Servir* do Savaedans que logo no titulo é a negação das doutrinas correntes ainda ha pouco, até á mentalidade da mocidade d'hoje, na sua maioria religiosa, patriótica, tradicionalista. No outro dia ainda, milhares d'estudantes de Paris, de todos os matizes politicos, desfilarão em silencio. Saudaram em silencio a estatua de Joanne d'Arc, em silencio foram coroar a estatua de Strasburgo. Unida no mesmo sentimento patriótico, sentindo a patria ameaçada, quer obrigar, e obrigará os governos a ser *nacionaes*, a attender aos interesses do Paiz, pondo de parte a vantagem do partido. Ha alguma coisa mudada na França da Terceira Republica: está fallando a *opinião publica*. *Auspicium melioris aoi!*

Paris, 15 do Fevereiro.

Agnes d'Ornellas.

## Caminho de ferro de Quelimane

### Um projecto ruinoso

Falla-se agora outra vez na construção do caminho de ferro de Quelimane, e as noticias que a imprensa de Lisboa tem publicado sobre o assumpto indicam que a realisação da obra está decidida ou vai sel-o em breve. Pois bem, decidida ou não, é preciso que tal obra não seja iniciada, que sobre a sua concessão ou sobre a sua construção se não firme contracto algum, porque o projecto é absurdo, indefensavel, ruinoso — e immoral: por esta fórma o denuncia, subvertendo as suas afirmações com todas as letras do seu nome, quem, tendo tido a honra de haver sido de facto o ultimo governador monarchico da colonia, por tres estradps annos que ainda não vão longe, se acha com elementos para expór a fallacia da pretendida obra de fomento colonial e sente em sua consciencia o dever de fazel-o.

A ideia da construção da linha a que, sophisticatedamente, se convencionou chamar o caminho de ferro de Quelimane, já é muito antiga. Não detelharemos a sua origem nem as variantes por que tem passado, porque, enquanto for dispensavel, evitaremos atacar personalidades: por hoje só frizaremos um facto digno de immediato, destaque que é o de a ominosa monarchia se haver sempre recusado a decretar aquillo que a redemptora republica se prepara agora, como parece certo, a sancionnar.

De uma maneira abreviada temos a dizer o seguinte: O caminho de ferro de Quelimane não é planeado, como poderá suppr quem desconheça as condições locais, com o intuito de se promover o desenvolvimento da Baixa-Zambesia portugueza: o seu verdadeiro objectivo é servir, á nossa custa e com encargos ruinosos, a colonia ingleza do Nyasaland Protectorate — isto é, precisamente aquella região, marginal do lago Nyassa e do rio Chire, cuja posse a Grã-Bretanha não disputou e arranhou em 1890. E os motivos que tem levado bastante gente a patrocinar á desastrosa ideia resuscitando-a periodicamente não são, na sua generalidade, nem santos nem sequer puros. Agitam-n'a os inglezes do Nyasaland, porque querem que, á nossa custa, lhe proporcionemos a commodidade e as vantagens de um caminho de ferro da sua internada colonia para o litoral portuguez. Barafustam em favor do projecto numerosos portuguezes, uns porque querem a concessão da empresa, com garantia de juros pelo Estado é claro; outros, interessados em Quelimane, porque antevêm maneiras varias de fazerem não pouco dinheiro com uma obra que custará mais de 4:000 contos de reis de uma assentada, e alguns ainda, da categoria das pessoas influentes, porque com a concessão do empreendimento ou com a adjudicação das obras, com a expropriação de terrenos, com a nomeação de funcionarios, etc., terão occasião de prestar favores cuja retribuição, por uma fórma ou por outra, sempre virá a ter o seu dia. Tempo houve, é verdade, em que um pequeno mas valioso grupo de devotados colonias defendeu a construção do caminho de ferro de Quelimane com toda a boa fé, suppondo que patrocinava uma util obra de fomento; mas esse grupo, depois que dois dos seus sobraçaram a pasta do Ultramar e um terceiro governou a Zambesia, ficou conhecendo melhor o assumpto e reformou sobre elle os seus pontos de vista.

Nos seus traços mais geraes, as fortes objecções que se apresentam, ao espirito de quem conhece bem a materia, são as seguintes. A exploração do caminho de ferro de Quelimane não poderia deixar

de ser verdadeiramente ruinoso para as finanças da colonia, porque o custo da linha seria umas poucas de vezes superior ás receitas que ella viria a fornecer. O caminho de ferro, prompto a funcionar, custaria para cima de 4:000 contos de reis ou seja, na base da linha da Suazilandia, aproximadamente 200 contos de reis por anno, durante 60 annos, como encargos do juro e da amortisação d'esse capital. Mesmo que viesse a ser tão bem administrado como o caminho de ferro de Benguella o tem sido pela empresa particular que o está constraindo, as despesas annuas da sua exploração não poderiam ser sensivelmente inferiores a £ 338 por kilometro (que foi quanto custaram as do Benguella enquanto teve uma extenção quasi igual — vide relatorios da Companhia) o que daria 380 contos de reis para os 225 kilometros da linha de Quelimane. Total annual da despeza — 580 contos de reis.

Que algarismos nos apresentam na contra-partida as receitas provaveis? Vejamos. Em 1911 o valor total das importações e das exportações do Nyasaland foi de £ 240:000 correspondentes ao movimento de 9:000 toneladas. Parte d'esse trafico realison-se com a Rhodesia e com os territorios portuguezes marginaes do Zambeze; mas não nos detenhemos com isso e admitamos que todas as 7:700 toneladas da importação assim como todas as 1:300 toneladas da exportação provieram do litoral ou a elle se destinaram. Seria ainda assim preciso que cada tonelada pagasse 64\$000 reis de frete ao projectado caminho de ferro para que as despesas d'este ficassem meramente cobertas. Póda acaso pensar-se, sequer, em exigir tal frete? De maneira alguma. As tarifas maximas a estabelecer seriam de £ 2 por tonelada para a carga ascendente e de £ 1 por tonelada para a descendente. A sua applicação daria uma receita total maxima — e já mostramos que o calculo é exagerado — de 83 contos por anno, a qual, comparada com os 580 contos do custo, nos revela um deficit de 497 contos de reis por anno.

Omittimos no computo a receita proveniente dos passageiros, porque em todo o territorio do Nyasaland, que pessoalmente visitamos ainda não ha tres annos, existem apenas 587 individuos europeus de ambos os sexos e de todas as idades, dois terços dos quaes são funcionarios publicos e missionarios. Quem estiver para isso que se dê ao entretenimento de calcular as migallias que poderão advir das viagens de tão exigua população: quanto a nós quer-nos parecer que o rendimento das suas passagens não chegaria para pagar os revisores dos comboios.

Objectam os optimistas que, com o caminho de ferro construido, a colonia ingleza se desenvolveria rapidamente. Somos, decididamente, de opinião contraria, por muitas razões que nem indicadas podem ser em um artigo de jornal, mas que já em livro expozemos. Ha porém mais a notar a proposito da hypothese. Seria mistér que o movimento commercial do Nyasaland septuplicasse para se annullar o desequilibrio das receitas com as despesas. Enquanto tal se não verificasse — e os mais delirantes visionarios concordarão em que levará seu tempo — a desgraçada Zambesia portugueza, territorio cujas receitas totaes apenas attingem uns 350 contos annualmente, iria accumulando deficits á razão de 500 contos de reis por anno.

Allegam tambem as mesmas excellentes pessoas que a construção da linha muito valorisaria os territorios portuguezes que atravessasse. Completa fallacia. Que ideia tem essa gente das realidades da politica ferro-viarica no sub-continento africano! Desconhecem ainda que o rail não pôde promover a fortuna de um paiz se n'elle não existir

ou para elle se não encaminhar uma adequada massa de população — o que é de todo em todo o caso da Zambesia. E tendo a entrar-lhes pelos olhos a lição dos factos que lhes pateenteia o abandono em que continuam a jazer, sem uma quinta, sem uma casa, sem uma plantação, todos os milhares de leguas quadradas dos territorios cortados pelas linhas de Lourenço Marques, da Suazilandia, da Beira, de Ambaca e de Benguella, algumas das quaes já estão acabadas ou com extensos troços sob exploração ha uma data de annos, deliram agora com a valorisação do deshabitado Alto-Maral e do ressequido Massingira!

Ilto de ir longe as colonias, com os colonias d'este calibre...

Londres, março de 1913.

Eduardo Lupi.

## Chronica militar

Paris, 13 de Março de 1913.

Janina!

Ora aqui está um nome, que é um symbolo...

E quer saber o leitor o que esse symbolo quer dizer na simplicidade épica das suas seis letras?

Ora então ouça:

Uma nação pequena, de grande passado classico, tinha luctado nos principios do seculo passado pela sua independencia com uma tenacidade e um heroismo, que haviam feito despertar a Europa n'uma nova cruzada de fé. Nomas illustres haviam patrocinado a sua causa com o vigor do seu talento ou com o sangue generoso das suas veias.

Esa nação pequena, ismos dizendo, a certa altura, não declinar rapido, que quasi fazia pensar na fatalidade dos destinos cumpridos, teve o virus anarchico e politico a roer-lhe as fibras mais intimas do seu ser, viu o Exercito a braços com Juventudes dissolventes, viu enfim perigar a sua independencia, perante a desorganisação interior e o significativo desprezo externo.

Esa nação foi a Grecia...

A *reanche* de Larissa parecia já um sonho irrealisavel...

O pronunciamento Joven turco de Athenas atirará com os seus Principes choios de prestigio para fóra do serviço activo e effectivo do Exercito. A politica de grupelhos, de coteries, de lojas, setctaria, feroz e intolerante, assaltará as unidades, separará os officiaes, escangalhára a camaradagem, alaira e derrubará tudo.

Ninguém se entendia. A' bocca cheia se fallava em Republica, no Rei Jorge já quasi embarcado a bordo de qualquer transatlantico e posto com dono — elle, a Rainha, o Diadema, o Principe Jorge, emfim toda a Familia Real — e com este discurso grato e carinhoso de despedida:

«Vá para o pé do seu papá e manos e deixo-nos o logar vago, porque nós... queremos escocear-nos á vontade, em cordel fraternidade, uns aos outros...»

Mas afinal os gregos, por muito tonhos, que andassem da cabeça, ainda assim tiveram forza para se aguentar no balanço e para não fazer o mesmo que outros tantos povos d'essas Europas, n'uma maré de sandies, levaram a cabo para a maior gloria do... Supremo Architecto do Universo...

A Familia Real, por seu lado, teve a grande energia moral de deixar passar o febrão da *malaria* e esperou por melhores tempos, que, em *taes circumstancias*, vem sempre — com o decrescimo e completa extincção d'estas *epidemias sociaes*.

Ainda e sobretudo a imbecillidade, a crençica *Joven turca* não teve a força



e audacia sufficiente para assambarcar a situação. Aos *Bébé*, içados a Molkles de tres ao vintem, com cordões dourados e grandes phrases democraticas, não foi dado metterem — como desgraçadamente succedeu em outros tantos paizes do Extremo Occidente da Europa — nem prégio nem estôpa para o caso, ou antes a sua acção foi muito restricta.

Todavia a situação era muito pouco invejavel.

Foi então que surgiu para a Grecia um homem providencial: Venizélos.

Energico, intelligente, cheio de bom senso e de caracter, estadista emfim, resolveu metter hombros á obra de salvacão da sua terra.

E para principiar foi-se ao Exercito — base absoluta de toda a ordem e progresso de um Estado — e viu que n'aquella massa inorganica, prestes a transformar-se em multidão desordenada, muito havia a aproveitar.

Mas, primeiro que tudo, viu que era preciso disciplinar a tropa. O official grego, cousa curiosa, nunca havia perdido o seu prestigio na massa da nação, nem sobre os seus subordinados.

Providencial acaso, sem duvida! As cabeças nacionaes é que parece não eram boas ou, antes, talvez, haviam perdido a força moral imprescindivel para manter a ordem e a disciplina e a cohesão no meio da força armada.

Que remedio, pois, a dar? Evidentemente mandar vir de fóra quem, com força, com tacto, com critério e intelligencia e imparcialidade, podesse levar a cabo a obra de saneamento e de aperfeiçoamento do Exercito.

E uma missão militar franceza, com um general distincto á sua frente, o general Ekdoux, foi encarregado de reorganizar o exercito hellenico.

E ninguém acousou Venizélos de intervenções estrangeiras nem de dislates parecidos...

O que se viu é cada qual ser apreciado conforme *valia e merecia*.

O que se viu foi o exercito ser dotado de bom material em substituição do anacronico que lhe estava distribuido.

O que se viu foi a mobilisação, o recrutamento e todos os grandes problemas militares serem olhados a serio e a valer.

Tinham acabado as *igriçuinhas*. Que importava lá — que o senhor capitão Falano ou o senhor tenente Ciorano se houvessem *notabilisado* pelas suas ideias liberas, ou pelos seus serviços de *delação e espionagem*?

Evidentemente, com estes predesejos, negação absoluta de tudo o que seja brio e decôro militares — eram muito recomendaveis para serem postos, por *distincção* no olho da rua.

Rua, pois! Rua, rua com elles...

Assim conseguiu a Grecia ser gente e entrar como valor apreciavel, mesmo *redoutable* no actual conflicto dos Balkans.

Assim se vence. E as nações, que olham para o seu

Exercito, como brinquedo de *Bébé-Moltes* e lhe enfiam o primeiro figurino *suizo*, que lhe vem á mão — essas fazem o possível... por morrer...

Para uma Patria, em hora critica, se salvar, é preciso que, acima de tudo, os seus filhos tenham os fôros de cidadão — *a que tem direito* — e não sejam miseravelmente tolerados, dentro da sua terra, por uma oligarchia despotica e desautorisada, sob todos os pontos de vista.

Ainda mais...

Que o pedaço de panno, que agarrado a uma haste, vae a symbolisar a Patria, seja tambem aquelle que represente a sua augusta tradição, cheia de gloria e aureolada pelos sacrificios e pelos soffrimentos dos que por ella se arriscaram — e não as côres inexpressivas, aestheticas, absurdas e odientas, que uma *philarmónica* impoz ao Paiz, n'uma hora de fraqueza e de medo.

Mas voltemos á nossa Grecia...

Comprehendo-se bem que eu não estou a discutir, tecnicamente falando, o que o Exercito do Diadôco fez de bem ou fez de mal n'esta campanha.

E' cedo ainda para avaliar.

Ea só desejo accentuar — mas isso com a maior força da minha convicção — é que a Grecia, paiz que se dizia perdido ha meia duzia de annos, se salvou porque teve patriotismo e senso commum e força bastantes para dizer á Desordem:

— Basta!

E *bastou*...

Ao entrar triumphalmente em Janina, ao receber de Esad-B-y as chaves da velha fortaleza musulmana, com que justificado orgulho não rememora o Diadôco, as paginas dolorosas da vida da sua Patria — e as suas tambem!...

E, como elle e com elle, o Rai e todos os da sua Casa, não estão bem e gloriosamente vingados das injustias e das affrontas passadas, ao vêr os seus soldados victoriosos palmilhar aquelles mesmos campos de Larissa, cheios das visões tragicas de 1897!

Li outro dia que Venizélos, ao annunciar ao Parlamento a entrada das tropas em Janina, *chorava*.

Com elle e como elle, n'uma d'estas crises collectivias de lagrimas, que o momento justificava, os Deputados, de pé e n'um silencio solenne, sentiam as faces molhadas pelo pranto!

Bemditas e abendoadas lagrimas as que se choram pela Grandeza e pelo triumpho da Patria!

Tristes lagrimas, dolorosas lagrimas, lagrimas amargas as d'aquelles que — tendo tudo sacrificado para tambem salvar a sua — ao menos, não podem e *não querem* ser acensados de connivencia e de solidariedades... na sua perda!

Saturio Pires.

## Entrevista com Arthur Meyer

A invasão do americanismo em França. — A corrupção da côrte de França e a aristocracia da provincia. — O que foi e o que seria uma guerra. — A America: advertencias do Supremo. — O jornalismo: O «Figaro», o «Gaulois» e os jornaes illustrados.

Se se disser: Arthur Meyer, director do «Gaulois» é pouco. Mas dizendo: o «Gaulois», director Arthur Meyer, é tudo. E rememorar que o «Gaulois» representa, n'esta França contemporanea de negocios, de *polfe* e de *brides*, o salho, a galantaria franceza que o vento da Revolução interrompen quando Corneille estava a beijar a mão de madame de Sevigné e que a primeira emigração restituiu ao Imperio mas que este repelli, desconfiado, exallando mosdamos de Stael e de Récamiér. E' recordar que o «Gaulois» tem obrigação de saber conversar com o publico, como o seu director sabe conversar com senhoras

e com os primeiros genios da litteratura e da arte franceza.

O vôvô Meyer

Porque Arthur Meyer é a reliquia sobrevivente d'uma geração que teve gloria e teve talento, teve espirito e teve gestos, ainda soude ajoelhar deante d'uma *bergère* fazer visitas, conversar, amar e crear obras primas.

Foi a geração de Dumas, de Gauthier, de Sainte-Beuve, d'Emile de Girardin, dos Goncourts, do Flaubert, de Sardou, de Rénan, de Dalacroix, de Coppée, de Daudet.

Eram os homens capazes de se arruinar n'uma coisa, e de conservar uma vida inteira uma amizade.

Os homens de hoje conservam as amizades o tempo d'uma coisa, e gastam a vida inteira a tentar enriquecer.

Não tem talento: tem automoveis. Sem personalidade, copiam-se uns aos outros. O mesmo ideal e o mesmo typo. Um caracterista registava ha pouco esta monotonia falta de caracter, reproduzindo varias mezas d'um restaurant chio: a todas as mezas estava sentado o mesmo cliente, do bandós á americana, cara rapada, a espinha amolecida, o fastio da época a aguar lhe o olhar.

Os rapazes da geração de 1889 — os ultimos que conheceram a alegria de viver affirma Meyer no seu encantador *Le que je peux dire*, livro donde se revola o perfume de muitas saudades —, os homens d'esses tempo, em que ainda não havia corridas em Vincennes nem a gazeta tinha o diario mudando, eram personalidades.

Crearam um typo de cabelo e de barba, e defendiam-no como se fossem as suas ideias e os seus systemas. Cada um tinha, porém, a sua personalidade bem marcada, sem deixarem de ser homens do seu tempo. Arthur Meyer é d'esse tempo, e muito do seu tempo, é uma personalidade, um typo, é muito elle.

As suas suizas brancas, com um bigode em travessão, a sua sobrecasaca preta sobre alegres pantalónas aos quadrados, dão-lhe um ar de avô, janota mas grave, velho mas limpo, elegante mas serio, veneravel mas atrahente.

A sua figura, roteada por uma consciencia de que viviu e vive dignamente a vida, atrahoe logo. Esse cuidado no vestuario é bastante inocua.

Um homem novo que trata de si, é apreciado. mas um velho limpo e de estigma bastauto para dar um bom não n'uma gravata, cravar uma parola n'um pedaço de selim preto, isso é só por si um attestado de que n'ello a toilette se tornou uma especie da expressão.

O vôvô Meyer tem esse merito. A discreção requintada com que se veste, as suas maneiras, a sua convicção preferencia pelo passado, dondum-se na delicia da sua penna. Nestes tempos do americanismo e sem-cerimonial, Meyer affirma-se um facto temporaneo na exaerção com que assiste homem do mundo e parisiense. É uma coragem que não fuxa a dover na lá de François Coppée sendo catholico e ostentando-o.

Tudo n'ello é d'outros tempos: a sua figura desenxovalhada, e os seus modos. Pode-se lhe uma conferencia, marca-a, e, enquanto os homens de negocios nos ficam aguardando a sua horrorosa escrevanhaha de *pêch-pêch*, com uma machina de escrever o seu uma machina de ditado, e um telephone ao seu lado, Meyer vem separar-nos ao corredor que leva ao seu gabinete directorial.

E' facil, e a gente não deixa por isso de o sentir grande.

—Gratos tempos e que linda devia ser a França do seu tempo!...

—Não tenho péda de a não conhecer, porque é sinal que não é velho! responde Arthur Meyer.

—Oh! mas este americanismo vivendo a vida a galope, em automoveis, a 80... annos á hora é bem menos agradavel que a sua época. E o sr. Arthur Meyer é o proprio a queixar-se da invação do americanismo, no seu delicioso *Le que je peux dire*.

As qualidades do povo Francés

—Pois, sim, mas eu não me insurio, é preciso notar, contra o estrangeiro que quer participar da nossa civilisação, embrenhar-se n'ella, levar d'ella o que possa ter de bom e de agradavel. O que ha a lamentar é a corrupção. Nós vivemos uma hora de corrupção, estamos n'uma phase de transição. A França foi sempre corrupta? Não. Havia uma certa excessão, em volta da côrte, que era corrupta, uma pequena parte a nobreza da provincia, parte insignificante que não era d'uma virtude excessivamente rigida, mas na sua maioria a nobreza e a burguezia da provincia eram exemplares. Mas o que era e é, são, o que se mantem com todas as suas qualidades nativas, forte, bom, são, é o povo. E enquanto um paiz tem a fortuna de encontrar no fim de seculos de civilisação o seu Povo, em plena saude d'alma, esse paiz está bem. Era vér agora, ali para fóra, no campo, como o Povo Francés fallava quando se debatia o accordo marroquino. Sabe o que dizia o povo? *Al! nous avons assez des priens! vamos a isto, estamos fartos de america!* Sempre a dizer que *veem, que veem, pois deixal-os vir com as demonias!* E se houvesse uma guerra essa gente toda, a França inteira atravessava para a frente.

E com um arripio de melancolico pavor: — Ah! uma guerra! o que seria hoje uma guerra!... Nós não sabemos o que é uma guerra. D'antes, a guerra era um milhares de soldados mercenarios que iam para a fronteira; pouco ou nada se sabia do que lá se passava; de vez em quando vinham noticias, victorias quasi sempre, e nós em Paris illuminavamos! Mas a vida continuava, nada parava. Ah! hoje a guerra não seria só um cemiterio na fronteira e illuminações em Paris. A guerra não seria feita por mercenarios, necessarios, levada a todas as partes, todo o territorio a sentir, a vida paralyza-

ria. Seria redonho!... O povo francés, porém, sabe-o, mas não treme! E' o que nós temos de melhor em França: o Povo!

—Esse despertar da consciencia da sua Patria, sente-se bem. O estrangeiro não conta talvez, com esse estado de espirito da massa; mas os governos francezes, sem se tornarem provocadores, elles que decerto se aperceberam já d'isso, devem saber que podem contar com o Povo.

Déroulède e Boulanger

—O Povo não fallará á França, pôde sempre contar-se com elle. O que falou no boulangismo e no nacionalismo não foi o Povo ao Boulanger, nem o Povo ao Déroulède: foi o Boulanger que falou ao Povo, foi o Déroulède que falou ao Povo.

—O que é falto do seu amigo Déroulède? Retirou-se?

—Não, Déroulède está na espectativa. Espera a occasião de intervir; convencido de que a França ha de prosperar d'elle, espera que ella o chame. Elle não se lembra que tem... elle é mais novo do que eu; o Déroulède deve ter 82 annos; mas não dá por isso, e a verdade é que as gerações vão vindo, já mal o conhecem, elle vai ficando, elle já está na penumbra. Na penumbra? O Déroulède está já no Pantheon, no Pantheon! ah! tem. E taíma em querer descer os degraus do Pantheon.

—E' muito interessante, o Déroulède conhecido e entrevistado em Lisboa.

—Oh! é encantador! tem um unico defeito do que não se apercebe e que eu lhe tenho notado a elle mesmo: é ambicioso. Mas elle não o sabe, não acredita. Suppe que pôde ser útil á França, a patria, e muito, e que na sua intranquencia não ha o seu defeito. Ah! tenho-l'ho dito a elle mesmo, estando elle ali sentado n'essa cadeira onde o senhor está agora: «*Mes gignois Déroulède! Se quer ter um cargo, nunca o teril Se quer ter um credito na historia da França, tey-o ha quando julzer!*»

—Voltando á nossa conversa. O sr. Arthur Meyer tem lá no Povo francés que conservou são e fortes as virtudes da raça. Não se arroçea então do americanismo que invadé as camadas superiores, Paris principalmente? Mas eu vejo uma tal admiração pelo dollar!... E' um pario. Não digo que seja já uma decadencia, mas é uma hebraçal... Que se estime a America e a actividade americana, comprehando; que se admire, inveje e imite a America, não!...

—A America, para nos absorver precisava primeiro que tudo da ser uma civilisação. Ora a America é por enquanto um amontoado de raças que farmentam. Quando d'aqui a um ou dois seculos, d'ahi se fizer uma raça, um povo, que tenha os seus costumes proprios, todas, ou idênticas, as nossas virtudes, e que á corrupção que ella já tem haja ajuntado a que tombo de nós, então, sim! Por agora, a America é apenas um agglomerado de rasas e de cidades, sem qualidades de trabalho respectivo, por certo, creado obras gigantescas, mas... O homem não é, cre-se-se um gigante, e é afinal um verme. Cria o *Titanis*, suppondo-se gigante, e o Supremo dá-lhe para baixo... A America está resumida no *Titanis*.

—E este jornalismo á americana com a sua febre de reportagem, as suas paginas pedadas de gravuras?

—Oh! isso não são jornaes, são prospectos! protesta, com toda a vehemencia d'um velho-guarda da tralhoção, Arthur Meyer.

—O que deve ser na sua opinião, o jornalismo?

—O jornal deve: distrahir, educar e esclarecer.

—E' dirigir... não?

—Dirigir! Nós, os jornalistas não dirigimos coisa nenhuma. Não somos nós que dirigimos os leitores, os leitores é que dirigem o jornal. Ah! então, os meus leitores! Elles não me pedoam nada, não me passam por cima, não me dão a mão, não me dão o seu fello, e eu gosto muito do Gallmeister, o «Figaro» é muito mais feliz do que o «Gaulois». Mas, porque? Porque não tem uma clientela. Tem muitos leitores, e mereces-os, tem uma boa tiragem, mas não tem uma clientela. Faz o que quer, e como quer, e o publico permite-lhe tudo. E' a differença que ha entre uma mulher legitima e uma amante!...

E, com essa linda phrase, o director do «Gaulois», ainda teve a galantaria de acrescentar esta outra:

—Vem a uma amiga do «Gaulois» não estivesse todas as tardes cheia de senhoras, de homens, de mundo que espera o momento de cumprimentar Arthur Meyer, com que fidelidade no frequentaria o salão do «Gaulois», com que prazer eu iria rober-nos no vôvô Meyer, — a evocação da França que a figura querida d'ouro avô, o meu avô materno, me ensinou a amar!

Mas, se não fosse uma dura palavra, ah! diria d'aqui a Arthur Meyer que não se enganou, ao affirmar-nos, nas paginas de *Le que je peux dire*, que o salho expíria em França no dia em que a *Dava* das *Violétes* se recolheu ao cemiterio de *Montmartre*.

Em Paris ha ainda pelo menos um salão: o «Gaulois», o salão de Arthur Meyer.

Simplemente é um salão onde não se conversa, — escreve-se.

E, quem vae para conversar, estorva.

Joaquim Leitão.



## Os bons tempos da tropa

Um «retaldatario»

Ao E.

N'esse dia tratava-se na «theoria» de *gradações e postos militares*. Foi, está claro, logo nos primeiros dias da instrução do recrutamento aqui por meados de novembro, e a scena passa-se n'uma velha caserna dos *Quarteis velhos* do Castello de S. Jorge, logo ao pé da *Casa de Ensaio* da Banda, onde o Costa Braz preparava quotidianamente e com amor os 43 *ordinarios e passa-calles* variadissimos, de molde a agradar a todos os paladares...

Grande Costa Braz! Que paciencia evangelica elle tinha para nos aturar... E que saudades da magnifica banda, que era a do nosso batalhão!

Mas adeante... Pois a *theoria* dava-se n'essa caserna, transformada, desde havia uns annos, em aula de leitura para soldados — o antigo «Curso Elemental», creado por Vasconcellos Porto, na sua remodelação das *Escolas para praças de pret.*

Umas mezas compridas, umas bancadas longas, um quadro negro, uma secretaria e uma cadeira — eis a mobilia. Quarenta ou cincuenta galochetes, já todos elles fardados de cinzento, os barretes altos e novos com o 5 amarelo ao meio, cabeças rapadas á escovinha — eis o auditorio de olhos muito abertos, na posição de *sentido* quasi, apesar de sentados... E a gente a matraquear:

— Um capitão tem um galão dourado grosso... um galão grosso!...

— Um major tem um galão grosso e outro fino... um grosso e outro fino. Tomem bem sentido...!

— Olha lá, tu 73, como é que tu conheces um capitão?...

— Saiba *bomê* que é porque tem quatro *bichas* encarnadas...!

Estava-se a meio da hora de instrução, quando á porta assoma a figura furta do 98, quarteleiro.

— Vóssoria dá licença?

— Entre lá...!

E 98, com a sua costumada cara de lua cheia, sempre a rir, sempre satisfeito, vem direito a nós...!

— Saberá Vóssoria, que está lá em baixo mais uma *praça nova*, um «retaldatario»...!

— Pois que entre...!

— O' meu tenente, mas é que elle não vem em estado de se apresentar deante de gente... todo rotinho e ainda não recebeu fardamento...!

E, segredando quasi:

— Vóssoria não calcula a porcaria que elle trazia em cima de si... nunca se tinha lavado! Eu lá o levei á casa de banho e mandei-o até esfregar com a escova. Elle a principio teve frio, mas depois a modos que gostou...!

— Bom, deixa lá, manda-o entrar... — interrompi eu, sabendo já que 98, quando começava a falar, não se calava antes de ter feito um *relatorio* completo.

Bello soldado este 98! O que será feito d'elle?

Explendido servente de metralhadoras, conseguira, sem auxilio d'um livro, porque não sabia ler, conhecer a fundo o funcionamento da Maxim.

E' claro que alterava a seu bel-prazer todos os nomes da *nomenclatura*. Por exemplo: ao *bloco* de culatra movel chamou sempre *berlôque* e ao *detentor* com sua móla, nunca ninguém conseguiu que elle dissesse que era *sentido* o *redemptor* e a *móla do redemptor*.

Quanto ao resto, um bello soldado! Mas, vamos ao caso.

98 sahiu e d'alli a pouco voltou acompanhado, dizendo:

— Prompto, meu tenente, saberá Vóssoria que cá está o *hóme*...!

E o *hóme* entrou. E entrou todo elle baixinho e *gingão*, com a cambisa rotinha desde o peito ás costas, as mangas em tiras, umas calças todas remendadas, descalço — uma miséria o pobre diabo... Os outros ollavam-no meio admirados, meio trocistas...!

— Bom, chega-te cá, rapazinho... entto d'onde vens tu e o que fazias lá na

terra? Olha, senta-te alli ao pé dos teus camaradas.

— Ah! Eu cá vim — respondem logo e interpelado, sem grande atrapalhão — d'uma aldeia d'ao pé da raia de Bragança e era conductor de gado d'umas minas...!

Reparei então n'elle. Era uma cara inconfundivel: um rosto magro e sem barba, zarfho de ambos os olhos, um nariz formidavel, magrissimo, quasi esquelético.

Pobre diabo! Continuou-se a *theoria* e d'esta vez todas as explicações eram para o recém-vindo, para o pôr a par dos camaradas.

Depois de tudo bem explicado e *clarinho* que era para *soldado*, quasi emfim ao scôr o toque d'*alto* á *instrução*, resolvi interrogá-lo, ao nosso homem:

— Ora muito bem. Tu vens para uma vida nova para ti, não é assim? Como se chama essa vida?

— Ah! Eu cá agora sou militar.

— Ora muito bem...!

E u radiante! Tinha-se já aproveitado alguma cousa.

— Ora agora diz-me lá tu: e o que és tu cá na vida militar?

O nosso homem, entortou mais os olhos, e fitou-me com ar interrogativo. Eu expliquei-me melhor!

— Sim. Tu cá na *tropa*, has-de ser com certeza alguma cousa do que tu te expliquei ha pouco...!

— ?!...

— Bom, diz-me lá... Tu és soldado?

— ?!

— E's cabo?

— E's general?

— ?!

— E's coronel?

Os outros já iriam á sucupa. E o nosso homem impassivel.

— E's tenente? E's capitão? E's major?

E logo elle, muito prompto, como quem accerta d'esta vez, os olhos enfiando-se de *certeza* um pelo outro e até com a mão esboçando um gesto, com o dedo esticado:

— Ah! Eu cá sou major!

Era manhã alta já. O Lulu veio de novo ao meu estúpido, impaciente, expedi o gallego com uma carta. *Leto não pôde continuar. Se me não respondes, está tudo acabado. Quem é o Lulu? Anselmo.*

D'essa voz o gallego trouxe uma resposta por escripto.

N'um bilhetinho côr de ervilha, a Chica respondeu-me em poucas palavras:

*Espero-te esta noite. Não sejas estúpido. Tua Chica.*

Sociedade. Ella que me chamava estúpido, era porqu' ainda me tinha amor. Uma senhora não trata por estúpido senão o homem que ama, ou as pessoas de familia.

E á noite, tendo enfiado duas camisolas, e vestindo o mais grosso casaco de inverno, fui, com um grande *cache-nez* em volta do pescoço, falar á Chica.

Ella appareceu-me logo, e julgou-o eu enternecidamente, como sentia: como se seus fosse, todos os meus males, sentia-se de certo constipada como eu, pois vinha embrulhada n'um grande chale, cobregando ao peito os braços.

O sonho da Chica a lavar os cueirinhos á beira do rogado dispozera-me para a terra, e mal ella se chegou á janella aproximadamente estendendo a mão e os labios. Mas, assim que me cheguei mais, qualquer coisa se lhe remexeu no seio e uma cabeçinha de olhos muito vivos surgiu, fazendo desesperadamente: *Beu, beu, beu...* enquanto a Chica, terminante, dizia:

— Quietos, Lulu...!

Era o Lulu...! E o Lulu, que me atormentava toda aquella noite de ciúmes, era um cão, um cãozinho, muito pequenino, que dias antes, quando eu estava quente, a Lemos mais velha dera á Chica!

Só me faltava aquella... Como se me não bastasse o Cazuza, apparecia-me agora um Lulu para aturar.

Em toda a noite não houve meio de trocar uma carícia, de dar um beijo sequer na minha Chica. Mal eu me aproximava, o estaférmo do cão começava logo: *Beu... beu...*

No meu espirito desenhavam-se projectos sinistros. Por momentos pensava em crueldades, em lancar-me aos beijos á Chica, e sorver nos seus labios a decura do seu amor, enquanto as minhas mãos descaradamente lhe iriam estrangulando no seio aquella chosinho maldito que surgia agora.

Nunca 40 soldados e um official saltaram ao mesmo tempo gargalhada mais estrondosa.

Alguns até choravam...!

Lembras-te bem, men velho, que nunca mais até passar á reserva, elle perdeu a alcunha de *Major*? Era quasi um appellido semi-official...!

A ponto do major do batalhão dar serio cavaco, quando nós na parada diziamos em voz alta, ao nosso *heroe*:

— O' Major! Fazes favôr vaes lá acima ao espadeiro e traze-me a minha espada...!

E francamente, era para *dar sorte*.

Saturio Pires.

## SEMANA MUNDANA

Um pouco de tudo

— De Pau allo esperados hoje em Madrid o sr. Dr. Manuel Paes de Sande e Castro e sua gentilissima filha senhora D. Maria das Dóres.

— Partiram para o Estoril o sr. D. Antonio Pereira Coutinho, sua esposa e filha.

— Chegaram a Guimarães, onde foram gozar as ferias da Paschoa, os nossos amigos João Paulo de Mello Sampaio Mexia (Pombeiro) e José Cardoso de Menezes (Margaride).

— Tem estado no Porto o sr. Conde de Agreda.

— Em Madrid é pedida em casamento amanhã pelo sr. Dr. Manuel Paes de Sande e Castro, para seu filho, o nosso particular amigo e illustre collega, dr. Antonio Paes de Sande e Castro, a senhora D. Eulalia Sellés y Rivas (Geroná), filha da senhora marquez de Geroná e do illustre poeta e dramaturgo sr. marquez de Geroná, da Real Academia Española.

A noiva, gentil e formosissima dama madrilena, é muito conhecida tanto na aristocracia hespanhola, como na portu-

guez.

14 FOLHETIM DE «O CORREIO»

## A CHICA

O LULU

N'esse anno a primavera era muito fria, e uma noite, ao separar-me da Chica, recolhi á casa com uma tremenda constipação.

Estive tres dias mettido no quarto a espirrar e a escrever bilhetinhos á Chica.

Ao terceiro dia, já bastante melhor, prevenido que no dia seguinte poderia recommear os gargarejos, escrevi logo de manhã um bilhetinho a dizer-lhe: *Amanhã á noite, poderei já voltar a teus braços. Beijos. Teu Anselmo. Post scriptum. Os meus respeitoes á tua tia, Lembranças ao Cazuza.*

Pouco depois o gallego voltava com uma resposta verbal.

Que a senhora D. Francisca não podia responder por escripto, porque estava a dar banho ao Lulu. E que mandava muitas saudades. A dar banho ao Lulu?... Quem diabo era esse Lulu que se permitia a liberdade de ser banhado pela Chica, pela minha Chica, enquanto eu para alli estava sózinho em casa a espirrar, a assoar-me e a tomar ammonico?

Lulu?...!

Toda a manhã estivo em ancias...!

Depois d'almoo mandei outro bilhetinho. *Impossivel estar mais tempo sem te dizer: Adovo-te. Amanhã já vou á repartição e ahí. Beijos. Anselmo.*

O gallego voltou d'ahi por meia hora, com uma nova resposta verbal.

Que a minha Francisca fôra ao passeio da Estrella passar o Lulu, e que a resposta cá vicia.

Outra vez o Lulu!...

Passei uma tarde infernal.

Lulu... Lulu... quem seria o Lulu...!

E as horas a passarem... a passarem... Pela tarde não pude resistir e mandei outra vez o gallego.

D'essa vez a carta, secca e laconica, denunciava o meu estado d'anima:

*Quem é essa senhora Lulu? Impossivel esta vida. Amo-te. Teu Anselmo.*

Nova resposta verbal.

Que a menina Chica não podia responder n'aquelle momento.

Não jantei, não dormi, e pela noite adeante tive uma pontinha de febre.

Ao principio aquella Lulu afigurou-se-me ser algum pequeno da vizinhança ou filho de alguma antiga creada.

Mas á medida que o tempo ia passando, talvez porque n'aquelle anciedade as horas me pareciam mezes, o Lulu ia crescendo, crescendo, no meu espirito ciumento, e ahí pela madrugada, extenuado, conseguia dormir um pouco, o Lulu tomara no meu espirito a figura d'um homem de vinte e tantos annos, de bigode loiro, muito frisado, que n'um pesadelo em via passando nas aiamedas do passeio da Estrella, levando pelo braço a Chica, que de vez em quando o mettia no lago dos cyranos a dar-lhe banho, a lavar-o com muito carinho.

Com um terro despretal. Era madrugada. Adormeci de novo e de novo em sonhos vi a Chica a lavar o homem de bigode loiro. Não sei como, nem vindo de onde, vi que apparecia de repente, aos espirros, junto da perdida Chica, á beira do lago. A Chica, com um sorriso, olhou-me, depois pegando n'um sabonete continuou a lavar o Lulu, o homem de bigode loiro. A agua do lago pareceu-me sangue. Sentí uma vertigem. Ouvi gritos de pavor, berros de afflicção. Desvairado, eu agarrava pelas pernas no Lulu e começava batendo com elle n'uma pedra como uma lavadeira bate roupa.

Furtivamente acabára por enrodilhá-lo e, em meio dos gritos espavoridos da Chica, espremia-o na pedra, para de novo o bater como roupa, e de vez em quando, com as pontas dos dedos, tirava um cabello do bigode, que dettava para o lago...!

Depois... depois veio uma grande paz, uma grande doçura... e eu vi um regato, serpenteando entre o arvoredo, e a Chica, vestida de saloa, á beira d'agua lavando roupa, pequeninas peças de roupa, camisinhas, cueirinhos, enquanto eu, de grande chapéu de abadeado, sentado n'uma pedra, levantava ao alto, um léal rosadinho e fresco, que se parecia commigo, mas que se parecia tambem como a Cazuza. N'uma grande paz, n'um grande consolo, percebi que adormecia, tranquillamente, em meio do campo... E acordei.

Mas o diabo do cão tinha um rosnar tão petulante mal eu aproximava a mão, que a prudencia fazia-me adiar os sinistros projectos.

Aborrecido, vendo a Chica ir dando ao Lulu as caricias que me pertenciam, observei ironicamente que não tinha remedio senão retirar-me, enquanto o Lulu não recobresse ao quarto ou se não resolvesse a estar quieto.

A Chica, esboçando já o que seriam as scenas que entre nós se passaram depois por causa do Lulu, respondeu logo irritada:

— Já tu começas de embriração com o pobre animalzinho... coitado... E' impossivel!

— Impossivel é o cão, observava eu furioso. Dizo-lhe que esteja quieto ou põe-o já para dentro, que já eu não embirro...!

Olha que historial!

O Lulu, já a tomar a defeza da Chica, pudera, por-se de novo: *Beu... beu... beu...*, a ladrar e a remexer-se todo.

A Chica então teve esta formidavel lembrança:

— Ora adeus!... E' melhor que o leves ahí adeante, que o que elle precisa é ir á rua!

— Hein!...

— Sim... leva-o, pela correia, ahí adeante... E' por isso que ella está tão desiquilibrada... Mas vê lá, não o deixes fugir...!

E estendi-me o estaférmo do animal que, talvez por perceber o que aquillo me enfurecia, se prestava, de bom grado, sem ladrar, a vir para os meus braços.

Cedi... E, como o rancor no coração, amaldigoado a Lemos mais nova que dera o cão, dizendo mal á minha vida, lá andei um bom pedaço d'um lado para o outro, de correia na mão, atraz do Lulu que cheirava por todos os cantos, hesitante, até que em certa altura, se decidiu e parou.

A Chica, lá da janella, olhava enternecida o quadro, e quando eu voltei a puxar pelo animal, que parecia querer sair-me mais, li-lhe nos olhos quando lhe agradára a minha submissão.

Mal imaginava ella a tragica resolução que eu tomára, lá adeante, quando parára com o Lulu, de correia na mão!...

Anselmo.



gueza, pelos seus dotes de espirito e esmeradissima educaçao.

Antonio Paes, muito conhecido na alta sociedade de Lisboa e Porto, pertencente a uma das mais illustres e fidalgas familias de Portugal, termina este anno o curso de Engenharia Civil na Academia do Porto.

— Foi perdida em casamento pela senhora condessa de Mesquitella, para seu filho, o sr. D. João da Costa de Sousa Macedo (Mesquitella), a senhora D. Laura Arroyo Athayde Castel-Branco, gentil filha da senhora D. Rita Arroyo Castel-Branco e do sr. dr. João Bentes de Castel-Branco.

#### No Passos Manoel

Ahi pelas alturas do assado, diz-me o Chico Figueiredo Cabral:—E se nós fossomos esta noite no Passos Manoel? e a um gesto meu acressentou:—Sim, anda d'ahi; está lá toda a rapaziada conhecida, vamos vêr os Trombeta... A caminha chamava-me, o comboio partia d'ahi a tres quartos d' hora, mas decidi fazer um sacrificio; e accedi ao convite. Meia hora depois batiamos á bilheiteira do animatographo e pediamos duas cadeiras:—Pá prumeira ou pá segunda? diz-nos uma voz lá de dentro, uma voz roufenta, sahida d'onde quizerem, me nos da garganta. Depois de indicada a 2.ª sessão, entramos no Jardim Passos Manoel levando na mão dois papelinhos em que a impressão digital do bilheiteiro lá bem gravada no cuspo do mesmo zeloso empregado. Viva a hygiene! E' uma coisa que eu nunca conseguí comprehendêr; a razão porque se prohibe cuspir no chão e não se prohibe que os bilheiteiros e porteiros cusпам nos bilhetes, sem os quaes não nos é permitida a entrada. Deve ser algum alto mysterio da Natureza. Bem; largamos o papelinho á entrada e eis-nos no jardim a fingir, porque o outro, o authentico, está lá dentro.

N'esse jardim a fingir passa-se um bocado agradável; ha musica, que dizem os entendidos ser boa; ha sempre gente de ambos os sexos; muita luz, muita verdura, enfim, está-se bom. A's leituras de Lisboa e provincias que não chegam este rendez-vous chic portuense, offereço esta descripçao summaria. A' entrada, á direita ha uma escaadita de tres ou quatro degraus que dá accesso a uma varanda por onde se vae ter ás fauleis; n' esta varanda costumam sentar-se, em filas de cadeiras, as pessoas que esperam o começo da sessão; estão a ouvir musica ou a fingir que ouvem; o que é certo é que, vistos de cá de baixo parecem os bonecos do pim-pam-pum das feiras; dá vontade de se lhes fazer pontaria com bolinhas de papel, ou de panno feitas com os guardanapos dos creados. A' entrada, á esquerda fica o bengaleiro e o balcão do café; junto a elle, está uma porta muito larga com a indicaçao «Reservados»; entra gente a todos os momentos e pela porta entreaberta vêem-se lá dentro, n'um salisito muito elegante, passar lindas caras, mas muito depressa; é o salão da patinagem. Ha diferentes grupos, que alonga cada um d'elles o salão um dia da semana; mas o dia mais elegante, o mais *podre* é a quinta-feira; n'esse dia vae toda a primeira sociedade do Porto, mas o Zé Taveira anda com immensa pena por não ter podido arranjar entrada para o redactor d'«A Capital»; tambem é ponea sorte! Crédo! Está claro que eu, á vista d'isto, nem tentei entrar como redactor d'«O Correio»; pois se nem o d'«A Capital» entrou!

Em frente da porta de entrada ficam d'um e d'outro lado as portas que dão para o jardim, o authentico; fui vêr; só lá andava um cósito passeando.

Voltei para dentro e encontrei logo a tal rapaziada conhecida de que o Chico me tinha fallado; lá estavam á espera que começasse a sessão janota, a das dez; lá estava o Ferreirinha, muito pequenino, muito nervoso, de côco á banda, de hombro á banda, de pés á ban-

da, todo elle á banda, em constante equilibrio, piscando os olhos e rindo, rindo muito; pendurava-se do braço do Humberto Mendes Correia que, ao vêr-me, me abraça e me diz:—Oh! tólo, tambem cá biesta? entre um sorriso que logo se transforma n'uma careta triste, melancolica, de quem tem na alma fol, de quem tem no sangue, agua a ferver contra a humanidade, de quem tem... de quem não tem mais nada, ora, os curiosos!! Atraz d'elles, interrogando-se mutuamente com o olhar, vinham o Acciaiuoli, abraçando carinhosamente os linguados que iriam encher columnas do «Correio», e o Sousa Pinto, muito triste, uma pilha de nervos, mas sentindo-se pandego n'essa noite; extrahí a sua estada ali e elle, levando a mão á lapela do sobretado, diz-me, deitando os pés para fora:—Oh! menino! Estou farto...

O Acciaiuoli ri muito, com o seu riso de sorvedeiro, e lá continuou os dois interrogando-se com o olhar, sonhando, sonhando sempre... Abancámos a uma mesa, tomámos coizas e a conversa foi animadissima; mas eis que chega o Miguel Palma de Vilhena com photographias de «O Baptista n'um salto; agora vê lá o meu cavallo no mesmo salto», o que fez augmentar extraordinariamente a animação da conversa; ás duas por tres era Ferreirinha e Palma de Vilhena a discutirem cavallos de carne e osso; o Chico Cabral e o Humberto a discutirem cavallos dos automoveis; e o Sousa Pinto, e o Acciaiuoli, olhos fitos um no outro, sonharam na entrada da cavalleria ao som d'aquella musica, que parecia um hymno de victoria.

Ea, estava como pateta a olhar para aquillo tudo e se não fosse acabar a 1.ª sessão e termos que nos chegar para a porta, ainda a estas horas, estava por decidir se o Baptista salta melhor que o Margaride, ou se este salta melhor que o Rangel, ou se os 15 do Chévard são os 15 Delanay, ou se aquella musica era o hymno de victoria ou alguma simples estopada que um tal Wagner se lembrou de inventar quando um dia de festa foi para debaixo da mesa.

### Carta de Lisboa

Quando, domingo ultimo, acompanhavamos em triste romaria até um jazigo do alto de S. João o corpo de Dias Costa, alguém, a nosso lado, lembrou aquella celebre phrase sua, uma vez, n'um discurso politico da antiga Camara dos Pares, de que uma Republica era apenas uma Monarchia de chapen de coco. Como se enganára o espiritoso orador! E quantas vezes, n'estes dous annos ultimamente percorridos, por entre as amarguras soffridas, havia telpensado o antigo ministro, experimentando que muito outra da que elle definira, pôde ser sinal uma Republica moderna.

Por certo, na sua definição, Dias Costa comparava uma monarchia constitucional liberal, respeitadora dos direitos e dos deveres de todos, com uma republica parlamentar, salvaguardando por equal esses direitos e esses deveres. Nos povos bem governados, existe sempre esse equilibrio forte, entre os de cima e os de baixo, subditos ou patricios de um Rei ou de um Presidente e a differença entre a corôa e o chapen não chega a fazer sentir-se. Já não succede o mesmo nos paizes mal administrados. N'esses, o peso do chapen é ás vezes tão grande, que até parece um capacete de ferro!

Foi por certo esse capacete que pesou fortemente no espirito culto e patriótico de Dias Costa, mais ainda da que a perda continua dos proventos que á custa de estudo e de trabalho adquirira justamente. Eu pouco mezas, quando depois de demittido dos seus cargos, quiz ir procurar na sua reforma militar

a justa compensação do que trabalhára, encontrou-se na difficuldade de a obter, porque, tendo transitado para o serviço de outros ministerios, se esquecera de certas formalidades. Estão suscumbia devoras!

A fatalidade nem sequer lhe permittia regressar ao silencio do seu gabinete de trabalho, com o pouco indispensavel ao parco sustento dos seus. Continuou na sua cadeira de lente do Instituto, e como tudo tam compensações n'este mundo, encontrou da parte da geração nova que lecionava, o amor e a dedicação que ás vezes lhe faltou entre os homens do seu tempo. Foi realmente tocante a saudosa manifestação dos seus discipulos, acompanhando-o a pé até á sepultura e dizendo-lhe, pela voz de um representante, o seu ultimo adeus carinhoso e terno.

Quem só aparentemente conhecesse Dias Costa, não teria bem o valor do muito quanto affectivo havia no seu caracter. Atravez do seu trato succedido, das suas brascas apreciações, da agudeza da sua critica, quem o presentasse bem, encontraria no fundo uma certa bondade e uma incontestavel rectidão.

Ha muitos annos já, quando apenas lente da Escola do Exercicio, entrou a primeira vez no Parlamento, começou revelando nos seus discursos um certo humorismo de observador, uma tal ou qual mordacidade de critico, que a experiencia das cousas e dos homens foi sempre fortalecendo, mas que as desilusão da vida propositadamente encobriam depois. Manifestações evidentes d'esse estado de espirito são muitas phrases e ditos seus, repetidos pelos que os ouviram e ainda alguns registados a proposito da sua morte, como o foi aquella partida feita em 1910 á voreação republicana, depois da pueril resolução de não illuminar o seu edificio n'um dia de gala nacional.

Não lhe perdoaram os republicanos esse delicioso *truc*, que sabe talvez um pouco das praxes protocolares do Terreiro do Paço, mas que dá a justa impressão da grande differença que vae dos sentimentos dos governantes de então para os de hoje. N'aquelle tempo, com receio de offender os principios demagogos, uma voreação recusa-se a illuminar em certa noite os Paços do Concelho, e o governo sem recorrer a qualquer arbitrariedade ou sequer a minima imposição, serenamente ordena que os bombeiros, com um carro de escadas, cuidem das luminarias. Se a inversa se desse hoje, não entrariam em scena os bombeiros, mas entravam por certo e muito ruidosamente os carbonarios. E' que d'antes castigava-se, sorrindo; hoje castiga-se, odiando!

Quarta-feira, 19.

Raul.

## Annuncios

### Ideias Monarchicas

REVISTA SEMANAL

— DE —

DR. ALVARO CAMINHA  
DR. FRANCISCO DE QUEIROZ  
MARIOTTE

Summario do primeiro numero

Porque somos monarchicos.—Carta á Senhora D. Constança Telles da Gama.—Psychologia de Gaerra Janquero.—Patria e Patria.—A minha experiencia.—A granel.

A SAHIR  
na proxima segunda-feira

## PERFUMARIA FINA

Praça de D. Pedro, 101  
LISBOA

Recebeu novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, sabonotas e pós do arroz finissimos, boa agua de Colonia Florida o preparados garantidos para o cabelo, dando a cor natural; sortimento de elixires, pasta e pós dentifricos.

LEGITIMOS

## CIGARROS D'ALGER

PERFUMES de Salon  
CREMES d'Herbe Divina

Universalmente conhecidos... como os mais higienicos

Não affectam a garganta

Cuidado com as imitações que a fama mundial d'estas marcas tem provocado.

## PERFUMARIA BALSEMÃO

Rua dos Retrozeiros, 1-41  
TELEPHONE, 2-777  
LISBOA

## PÃO DE GRAÇA

Aos medicos, medicas, parteiras e hospitaes fornecemos o necessario para analyse e experiencia nos tratamentos dos diabeticos, dispepticos, tuberculosos e anemicos. O pão de *Gluten* é o mais leve e mais fino e tem sido empregado com optimos resultados.

Basta um simples postal para ser logo fornecido.

Unico concessionario em Portugal e Hespanha — Manuel J. Ferreira Valente — PADARIA NACIONAL — Rua de Liceiras, 140 e 144 (e suas filiaes).

## CIGARROS Presidente ARRIAGA

Fine mistura de tabaco havano  
A marca de maior successo em Portugal

Cuidado com varias marcas  
imitações d'esta famosa marca

## HEROES DE CHAVES

Nova marca de cigarros  
Manipulados com finissimo tabaco  
havano suave

SUCCESSO COLOSSAL

Em todas as tabacarias  
15 CIGARROS, 90 REIS



# ESTOFOS, MOVEIS E TAPETES

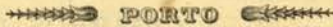
Deposito de capachos de côco e pita

## Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão



PORTO

### EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambri-zette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel; para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa

RUA DO COMMERCIO, 85 - LISBOA

## Magalhães & Moniz, L.<sup>da</sup> LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.

Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EM 1863

II, Largo dos Loyos, 14 - PORTO

## COMPANHIA DO GAZ DO PORTO

Distribuição de Coke a domicilio

Por cada 15 kilos (uma arroba) . . . . . 200 reis  
Por cada 600 kilos (um carro) . . . . . 85000 reis

Posto em casa do consumidor, dentro da area da cidade do Porto.

PESO GARANTIDO

SATISFAZEM-SE PROMPTAMENTE

todos os pedidos de Coke que lhe forem feitos ou por meio do correio, ou em requisição verbal nos seus escriptorios da Praça Carlos Alberto, 71, ou na fabrica, no Ouro.

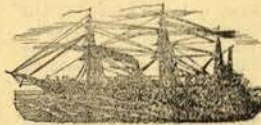
# Cimentos

NACIONAES E ESTRANGEIROS

FOR GROSSO

Vantagens excepcionaes para grandes fornecimentos e contractos annuaes, etc.

J. WIMMER & C.<sup>a</sup>  
LISBOA



## COMPAGNIES DE NAVEGATION

SUD-ATLANTIQUE

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Monteviden e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 25 de Março o paquete *Dionna*.

A 8 de Abril o paquete *Valdivia*.

A 22 de Abril o paquete *La Gascogne*.

Linhas commerciaes. Para Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Monteviden e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 19 de Março o paquete *Samara*.

Para Bahia, Santos e Buenos Ayres com escala por Dakar.

A 16 de Abril o paquete *Sequana*.

Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Monteviden e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 1 de Abril o paquete *Garonna*.

Para Bordeaux.

A 21 de Março o paquete *Sequana*.

A 25 de Março o paquete *La Bretagne*.

### K. H. Lloyd (Mala Real Holandesa)

Para Rio de Janeiro, Santos, Monteviden e Buenos Ayres.

A 17 de Março o paquete *Zeelandia*.

A 7 de Abril o paquete *Hollandia*.

Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

A 19 de Março o paquete *Hollandia*.

A 9 de Abril o paquete *Frisia*.

### Linha Cyp. Fabre & C.<sup>o</sup>

Para Providence e New-York, Boston, o mais cidades dos E. Unidos da America do Norte com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal.

Preço das passagens em 3.<sup>a</sup> classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc., quarenta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 20-0-0.

Para *Marselha*. A 18 de Março o paquete *Germania*.

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.<sup>o</sup>

NO PORTO

EM LISBOA

Largo de S. Domingos, 62-1.<sup>o</sup>

Praça Duque da Terceira, 4.

Recommendamos as excellentes e magnificas PENNAS

## D. CARLOS I e D. MANOEL II

em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades

Fabricação exclusiva

dos fabricantes inglezes

D. LEONART & C.<sup>o</sup>

Vendem-se nas boas papelarias de Portugal.

### Dr. M. Forbes Costa

CIRURGIÃO DOS HOSPITAIS

Antigo assistente das clinicas de Paris, Berlin, Londres e Vienna

Doenças genito-uritarias, venereas e syphiliticas

Diagnosticio e tratamento da syphillis pelos processos mais modernos, especialmente pelo salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.<sup>o</sup>

DAS 9 ÀS 5 HORAS

Telephone, 143

COMPANHIAS DE SEGUROS

La Union y el Fenix Español de Madrid

Union Maritime de Paris

Mannheim de Mannheim

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gas, de machinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos posteos e transportes de qualquer natureza.

LINA MAYER & C.<sup>a</sup>

R. da Prata, 59-1.<sup>o</sup> - LISBOA